

PUNITIVISMO E PERFORMANCES DO COLONIALISMO

Vivian Marujo Brasil², Ivan Delmanto Franklin deMatos³

¹ Vinculado ao projeto “Dialética negativa: história e formação do teatro brasileiro no século XX”

² Acadêmica do Curso Licenciatura em Teatro – CEART – Bolsista PROBIC

³ Orientador, Departamento de Artes Cênicas – CEART – ivandelmanto@gmail.com

LAPLEB (Laboratório de Performatividades e Leituras do Brasil), grupo do projeto “Dialética negativa: história e formação do teatro brasileiro no século XX”, é um grupo instituído sobre uma certa rotatividade, e por isso sugiro uma leitura de suas “fases” delimitadas pela composição de seus integrantes. Demarco então quatro fases com durações diferentes entre si, e trago ênfase à segunda e terceira fases, datadas entre meados do primeiro semestre de 2022 e o fim do primeiro semestre de 2023.

A primeira fase, com a primeira formação, se desenrolou principalmente durante a pandemia, com a leitura da peça “A Tempestade”, de Shakespeare, que narra a tomada de um duque numa ilha antes habitada pelo filho meio-humano de uma bruxa. Adentrei o grupo quando as aulas voltaram presencialmente, ao passo em que duas integrantes se afastaram - momento que marco como o início da segunda fase, quando investigamos cenicamente a dramaturgia referida tendo como procedimento exercícios de exaustão do encenador Jerzy Grotowski, somados às leituras dos autos da inquisição. Os autos da inquisição foram sucessivos eventos realizados pela igreja cristã nos quais apontados hereges pagavam penitência sob uma execução pública que reunia de centenas a milhares de espectadores. Suspendo o parágrafo e a subsequente descrição das nominadas “fases” para esmiuçar uma instância da pesquisa que se apresenta como uma ruptura na minha formação acadêmica, e que emprego como titulação a palavra que procura explicar a que se submetiam os hereges quando eram punidos publicamente: penitência.

Quando submeto a palavra “penitência” numa pesquisa no banco de dados virtuais disponíveis a público da Google Search, os resultados das primeiras três páginas apontam com estreitidão para práticas de expiação de pecados. No caso do resultado que vem concatenado em primeiro lugar - o que apresenta a semântica e a etimologia da palavra - dos oito significados apontados, destaco: 1. “a pena imposta para expiação de um erro cometido”; 5. “[RELIGIÃO] qualquer ato de sacrifício para expiação dos próprios pecados”;

6. “[RELIGIÃO] virtude cristã que inspira o arrependimento pelos próprios pecados”. A etimologia da palavra aparece como: “ETIM(sXIII) latim poenitentia,ae 'arrependimento, pesar; dor, contrição’”. Em complemento a ilustração da trajetória pensamental que pretendo traçar neste resumo, trago em paralelo à palavra “penitenciária”, cuja definição se apresenta como 1. “[DIREITO] estabelecimento em que, sob sistema penitenciário, se recolhem as pessoas condenadas a penas de privação da liberdade, para que ali as cumpram”, e etimologia como “ETIM(1855) penitência + -ária” (definições de Oxford Languages).

Meu interesse pela ideia de penitência enquanto aparato mantenedor de uma série de arcabouços sócio-políticos emergiu de nossas práticas cênico-investigativas. Em meados do primeiro semestre de 2022 inauguramos a seguinte proposta: cada integrante do grupo deveria levar, a cada semana, sua própria inquirição a ser instaurada entre todos os participantes. Ao me deparar com as diferentes formas dos autos apresentadas pelos colegas e com as quais eu mesma reuni ao tentar elaborar meus próprios autos de fé, acabei por angariar um amplo guarda-chuva de práticas punitivistas das mais às menos óbvias, todas sempre em diálogo com algum arcabouço ou instância sócio-política, e sobre as quais é possível apontar com segurança atravessarem tanto a macro quanto a micropolítica. Fecho o trajeto pensamental que começa na palavra penitência, alinhando-a aqui na escrita à palavra de fonética e etimologia que lhe tornam seu par: penitenciária.

Utilizo o binômio penitência-penitenciária como aforismo para delinear o semblante da moralidade punitivista e por consequência, do sistema judiciário, e para imagnetizar como a ideia de expiação através do sofrimento nos subjetiva enquanto crentes de sua suposta validade. As prisões não operam apenas como lugar de exílio dos marginalizados, mas também como um lugar a se evitar – e só se evita a prisão não cometendo atos criminalizados. O medo que nutrimos da punição que um detento sofre dentro do espaço prisional é mantido também pelo ensejo ao modo como o detento é tratado dentro deste espaço, evidenciado pela cultura que estranha quando o mesmo, não comumente, tem acesso a direitos básicos como comida de qualidade, banhos de sol, prática de atividades físicas, entretenimento, o mínimo de autonomia, etc. A cultura punitivista traz consigo um ponto-chave comum com a tradição dos autos de fé, que é o da emulação da punição enquanto performance pública. Instauro uma ordem a não ser transgredida e puno “aos olhos de todos” quem a transgredir sob o discurso de que o sofrimento expiará sua culpa.

A partir do primeiro semestre de 2023, o grupo - com outra conformação, e portanto, na fase que numero como terceira - passou a enveredar-se com mais afinco à missão de apresentar algum tipo de acontecimento cênico à comunidade universitária, e, para isso, nos debruçamos sobre uma dramaturgia escrita pelo orientador Ivan Delmanto com base em “A Tempestade”. Nunca conseguimos apresentar nada, e esse é outro ponto de todo nosso processo sobre o qual detenho minha atenção. Éramos um grupo num processo colaborativo e, portanto, havia um incessante entrave que se dava sob o esforço em manter certa

horizontalidade no grupo, e que eu descreveria como a negociação entre o excesso e a escassez de “restrições habilitantes” (condições subsidiadas por um acordo comum entre quem joga em cena, geralmente sustentadas pelo binômio “propositor versus aquele para o qual se propõe” o qual estávamos constantemente tentando superar).

Adentramos a quarta fase do grupo agora - também com outra conformação - no segundo semestre de 2023, e estamos voltados à escrita acadêmica e à produção de artigos parcialmente restritos pelo grande tema que dá contorno às nossas pesquisas: a história e a formação do teatro brasileiro no que tange o Brasil enquanto país colonizado e saqueado através das missões jesuítas. Daí sua primeira investigação ter se dado com o texto de Shakespeare sobre o duque que invade a ilha de Sycorax e com os autos de fé, performances de política colonialista da tradição cristã, que por sua vez amparou a invasão e colonização do território brasileiro.

Palavras-chave: Cristianismo. Punitivismo. Colonização.